

# CURRAIS DE MEMÓRIAS: O TEMPO DO SABER FAZER

AMANDA RÉGIA AMORIM MORAIS DOS SANTOS<sup>1</sup>

A memória é uma categoria que tem provocado indagações em diversas áreas do conhecimento. Nos estudos realizados no campo das ciências sociais são enfatizados os conceitos de retenção, esquecimento e seleção. Eleita como um elemento importante para compreensão da constituição de práticas do presente, a memória é uma reconstrução feita a partir das experiências do passado que se dá através da dialética da lembrança e do esquecimento. Só ocorre registro quando há esquecimento. Nesse ponto, a cultura exerce um importante papel na seleção daquilo a ser registrado, funciona como um filtro selecionando aquilo que é importante e útil para cada indivíduo. “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente.” (HALBWACHS, 1990, p.71)

Instigada pelas leituras e reflexões da disciplina Memória, Culturas Populares e Patrimônio, proponho este ensaio como forma de compreender os processos de transformações sociais e dinâmica da pesca de curral no bairro da Garça Torta, em Maceió-AL, comparando os espaços temporais através das narrações, mapas mentais e histórias de vida de moradores e antigos pescadores da região e da resistência do saber fazer da técnica tradicional. Garça Torta originou-se de uma vila de pescadores localizada no litoral norte da cidade. Atualmente, em meio a um processo de gentrificação<sup>1</sup>, a praia convive com as investidas do avanço imobiliário que promove interferências na paisagem, no meio ambiente, no convívio social e na prática da pesca.

Entende-se por gentrificação o processo de revitalização dos espaços urbanos ou a aparente substituição de paisagens de caráter popular por construções típicas de áreas nobres. Trata-se de um processo em que o espaço geográfico urbano transforma-se e ressignifica-se, sobretudo em função da valorização acentuada e do enobrecimento de uma área antes considerada periférica, como no caso do bairro Garça Torta.

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia pela PPGAS/UFAL e pesquisadora do AVAL/UFAL.

Muitas vezes, as áreas periféricas de uma cidade formam-se de maneira não planejada, seja através de invasões, seja através de uma expansão descontrolada de loteamentos imobiliários em áreas afastadas. Esses locais, quase sempre sem infraestrutura básica (como saneamento, asfalto e transporte público de qualidade), sofrem por sua distância em relação aos principais centros urbanos da cidade. Muitos estudos concentram o olhar para estas transformações urbanas em espaços de pesca a partir dos anos 80, identificando impactos não só no meio ambiente, mas principalmente nas configurações socioculturais de comunidades pesqueiras. (MALDONADO, 1986, 1993; MILLER, 1993, 2002)

Com o tempo, prolifera-se aquilo que o geógrafo Roberto Lobato Corrêa denomina por descentralização, em que as áreas centrais – detentoras dos principais serviços e atividades urbanas – multiplicam-se e disseminam-se para outras áreas. Com isso, regiões antes desvalorizadas e sem estruturas ressignificam-se, passando por uma acentuada especulação imobiliária e modernização de seus espaços. É nesse contexto que a gentrificação ocorre, pois as áreas antes desvalorizadas passam a ter um custo muito alto, ao passo em que a população residente no local é gradativamente substituída por um perfil comercial ou de grupos sociais mais abastados. Com isso, a paisagem modifica-se, e as zonas, que antes eram só guetos, barracos e pobreza, transformam-se em condomínios, prédios e casas de médio e alto padrão.

No entanto, é importante considerar que a transformação desses espaços não representa necessariamente uma mudança no padrão de vida da sociedade, haja vista que a população mais pobre, ao emigrar dessas regiões, passa a habitar outras localidades, geralmente ainda mais periferizadas, resultando na chamada de segregação urbana.

Assim, chama-se atenção para o processo de implantação das construções verticais de edificações de alto padrão já implantadas ao longo do litoral norte de Maceió que pode culminar com o enobrecimento da área e a conseqüente expulsão da população local residente. É importante ainda destacar que a manutenção das práticas sociais existentes na localidade só é possível com a permanência da população que a produz e reproduz.

Aqui, concentraremos o olhar na técnica da pesca de curral, tradicional na região que, além de compor a paisagem (INGOLD, 1948) da praia há séculos, e o imaginário urbano da Garça Torta, é visível em diversos meios de divulgação, fotografias, sendo cartão de visita da Garça Torta construindo, assim, o mapa mental da comunidade, dinâmicas da pesca e do espaço do mar.

O curral é um tipo de armadilha que utiliza o princípio do aprisionamento, ou seja, o peixe não consegue sair depois que chega ao seu interior. Sua edificação em solo marinho ocorre sempre em regiões de mar tranquilo e de baixa declividade. Por conter uma bancada de recife extensa e próxima à beira da praia, a região da Garça Torta favoreceu a construção

e o aperfeiçoamento da técnica da pesca de curral. Na extensão da costa existem 12 estruturas de currais. Seis currais são aparentes, dos quais, apenas um está ativo. Segundo antigos pescadores, a técnica corre o risco de desaparecer, tanto devido às leis ambientais, cada vez mais rigorosas, e ao alto custo de construção e manutenção, quanto ao desinteresse dos jovens em dar continuidade ao ofício.

## OS MUROS DO MAR

Uma das primeiras analogias que pude realizar no início da pesquisa do mestrado em Antropologia sobre os impactos da gentrificação nos espaços da pesca artesanal foi a dos currais no mar com os muros e cercas da terra firme. As disputas por terra e as transformações do espaço na Garça Torta tornam-se cada vez mais evidentes com o avanço imobiliário de luxo na região. Partir da hipótese de que na medida em que esses espaços do bairro – principalmente na orla da praia – se tornam mais cercados ou murados, a comunidade nativa perde seu acesso à praia, a uma infraestrutura pública básica, a serviços e, assim, conseqüentemente, aumentam os conflitos socioeconômicos na região.

Percebi, ao longo da pesquisa, a agência de indivíduos nativos no processo de gentrificação que atualmente desponta, não só ali, mas em grande parte do litoral norte alagoano<sup>2</sup>. O mesmo pescador que ora tem seu espaço engolido por grandiosas construções verticais, passa a oferecer serviços para facilitar o acesso de visitantes e potenciais interessados em viver de forma pacata e alternativa ao caos do centro da cidade.

Em relação aos espaços da pesca, a pesquisa teve interesse em identificar esses espaços no trajeto da orla da praia, do início da Rua São Pedro e suas Travessas até à Rua Jurubeba, fronteira entre os bairros da Garça Torta e Riacho Doce.

As transformações sociais e econômicas nos anos 80 foram de grande importância para compreender o cenário da urbanização do litoral norte, através de interesse estrangeiro e turístico. Nesse espaço temporal, pensamos na hipótese do início da gentrificação com a chegada de estrangeiros, intelectuais, políticos e indivíduos que buscaram ali a ideia de viver em harmonia com a vida litorânea.

Em mar, é possível identificar a construção de seis currais, destes apenas um ativo, que está em frente à pousada Flor de Lis. Ao todo, são 12 estruturas de curral na faixa litorânea daquela praia.

---

<sup>2</sup> CF. MELO, Juliana Costa; SILVA, Paulo Rogério De Freitas; FILHO, Cícero Dos Santos. URBANIZAÇÃO TURÍSTICA NA CIDADE DE MACEIÓ - ALAGOAS. 2017.

## REFERÊNCIAS

- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- INGOLD, Tim, "Temporality of the landscape" [1933] In: T. Ingold, *The Perception of the Environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge, 2000.
- MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres e Mares: espaço e divisão na pesca marítima*. 2. Ed. São Paulo: Annablume, 1993.
- MILLER, Francisca de Souza. *Barra de Tabatinga: terra do povo, mar de todos: a organização social de uma comunidade de pescadores do litoral do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2002.
- MILLER, Francisca de Souza. "Aspectos da mudança social em São Miguel do Gostoso: uma comunidade de pescadores artesanais do Rio Grande do Norte". In: Leitão, Maria do Rosário de Fátima Andrade (org.). *Pesca, turismo e meio ambiente*. 1. ed. Recife: edfurpe, p. 107-120.





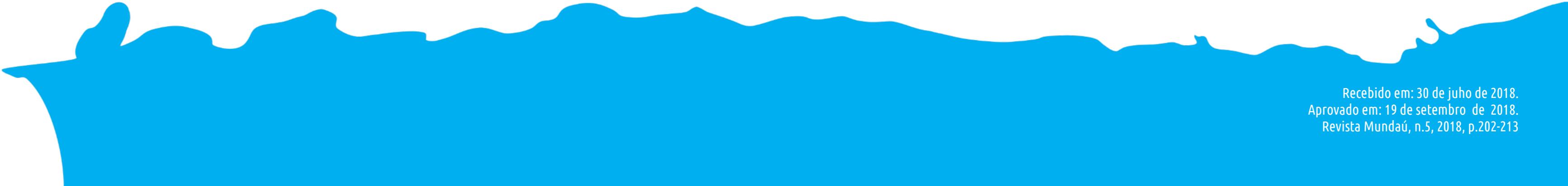












Recebido em: 30 de juho de 2018.  
Aprovado em: 19 de setembro de 2018.  
Revista Mundaú, n.5, 2018, p.202-213